

# Revista Filosófica de Coimbra

---

VOL. 3 • N.º 5 • MARÇO 94

---

MIGUEL BAPTISTA PEREIRA - *Retórica, Hermenêutica e Filosofia*

MARINA RAMOS THEMUDO - *Ao Princípio era a Acção? Observações acerca das notas 611-660 das Philosophische Untersuchungen de Ludwig Wittgenstein*

MARIA LUÍSA PORTOCARRERO F. SILVA - *Retórica e Apropriação na Hermenêutica de Gadamer*

BEN SCHOMAKERS - *The Blindness of Contemplation. On thinking according to Aristotle*

AMÉRICO LOPES DA SILVA - *Reencontro com Albert Camus*

ANTÓNIO MANUEL MARTINS - *Wallace e a Lógica da Descoberta científica em Galileu. A propósito da edição recente dos Tratados Lógicos de Galileu*

## AO PRINCÍPIO ERA A ACÇÃO?

Observações acerca das notas 611-660  
das *Philosophische Untersuchungen*  
de Ludwig Wittgenstein

MARINA RAMOS THEMUDO

No horizonte das grandes questões, que consubstanciam a interrogação humana - nos seus mais diversificados registos: mitológico, religioso, artístico, filosófico, político, técnico-científico e na multiplicidade historial em que se dispõem - a pergunta pelo ser e sentido do agir, na especificidade em que este relacionalmente contrasta e se afirma, constitui a corrente, ora subterrânea ora emergente, que a todas religa e lhes desnuda a expressividade oculta.

O movimento kantiano da hierarquização subordinante dos interesses fundamentais da razão metafísica, ao desenhar a constelação vertical que liga o saber à esperança pela mediação da acção moral, não só explicita, nesse gesto filosófico (desejante), o carácter dialéctico da decisão da vontade convertida - que funde, na unidade do instante, o efémero temporal com a idealidade atemporal - como ainda salienta a importância fundamental desta constelação, determinada pelo agir, para a compreensão do ser do homem<sup>1</sup>. Kant "repete", nesta figura arquitectónica, o não-dito da tradição metafísica, que o antecede, e inaugura a nova cena, representada pelas construções filosóficas, que do romantismo alemão vêm até ao nosso passado mais próximo e se conhecem pelos nomes de Marxismo, Existencialismo e Pragmatismo, pese, embora, o cisma que se opera no

<sup>1</sup> Cf. referimo-nos, como é óbvio, às três questões formuladas por Kant e que expressam «todo o interesse da razão (tanto especulativo como prático): <Que posso saber? Que posso fazer? Que tenho a esperar?>.» in: KANT, *Kritik der reinen Vernunft*, «transzendente Methodenlehre», 2 Hauptst, 2 Abschnitt) às quais vem acrescentar uma quarta questão: «que é o homem?», in: *Logik Einleitung* III, cf. J. BARATA MOURA, *Kant e o Conceito de Filosofia*, Sampedro, 1972; e Paul RICOEUR, *Le Conflit des Interprétations*, «La Liberté selon l'espérance», Paris, Seuil, 1969, II, pp 393-415.

étimo grego, separando conceptualmente a “praxis” da “acção” como núcleos temáticos preferenciais ou distintivos das diferentes posições teóricas <sup>2</sup>.

Mas o que, hoje, se designa por Filosofia da Acção, refere a totalidade do que se poderia considerar o trabalho mais produtivo dos filósofos ligados à filosofia analítica, sobretudo, os que se reclamam da influência ou inspiração wittgensteiniana. E há mesmo quem não deixe de observar que esses textos reflectem, nas suas aporias, as “perplexidades” sobre a Acção, manifestadas pelo filósofo austríaco, cedo, quando redige os *Tagebücher* e, depois, mais tarde, sedimentadas nos parágrafos 611 a 660 do primeiro livro das *Philosophische Untersuchungen* <sup>3</sup>.

Todavia, dificilmente compreenderemos o conteúdo desses parágrafos - e poderemos avaliar a distância a que se encontram da produção filosófica que inspiraram - sem o “acontecimento” da experiência do texto wittgensteiniano. Entendemos por esta expressão o processo indefinidamente recorrente da sua revisão interpretativa, ao qual somos convocados - aliciados - pela especificidade de uma escrita que, só por si, se constitui como problema e se oferece à interrogação.

O que significa que uma série de questões prévias terão de ser esclarecidas, e nenhuma delas de menor importância, muito embora todas se disponham no intervalo que liga o *Tractatus Logico-Philosophicus* às *Philosophische Untersuchungen*. Não nos referimos, apenas, ao conjunto do escrito/pensado no espaço temporal entre os dois títulos publicados, mas também, e muito particularmente, à unidade que ambos constituem, quando reunidos, por vontade do seu autor, na novidade de um todo, que deve fazer sentido.

Ambos os textos mantêm uma relação paradoxal, no mínimo estranha, relativamente à filosofia.

Nenhum deles é obra teórica e ambos se edificam como modos de comunicação indirecta.

O *Tractatus* constrói-se, geometricamente, em linhas paralelas - as proposições de igual valor <sup>4</sup> - que o parágrafo 6.54 declara serem todas sem sentido (unsinnig). O movimento autofágico do seu ritmo interior parece pretender encenar a dimensão trágica que atravessa o impulso filosofante e o conduz, inexoravelmente, para o abismo da sua im-

<sup>2</sup> Cf. Richard J. BERNSTEIN, *Praxis and Action*, Duckworth, London, 1972, Preface, IX-XV.

<sup>3</sup> Cf. Jean-Luc PETIT, *L'Action dans la Philosophie Analytique*, PUF, 1991, 7-13.

<sup>4</sup> Cf. L. WITTGENSTEIN, *Tractatus Logico-Philosophicus*, in: L. WITTGENSTEIN, *Schriften* 1, Frankfurt am Main, 4<sup>o</sup>1980, 6.4: «Alle Sätze sind gleichwertig».

possibilidade. É de um “interior” sem “exterior”, da mais extremada imanência - a do grande espelho (a linguagem) <sup>5</sup> - que o filósofo ensaia dizer (ficcionalmente) a “relação” e o que pela relação se encontra relacionado: linguagem, mundo, pensamento, ser e verdade.

A “teoria da figuração” que, no *sérieux* do texto, responde à questão que pergunta pelo modo segundo o qual a linguagem *representa* (condição de toda a teoria), desdobra, num verdadeiro passo de mágica, *significante, significado e referente*, como cartas distintas de um baralho, que o prestidigitador genial mostra, no mesmo movimento (*indem*) <sup>6</sup>, não passarem de pura ilusão: a proposição tem sentido, se ela estiver numa relação de figuração com o facto que ela figura e este é o que nela está figurado.

Assim, a proposição “mostra” o seu sentido; a proposição “mostra” o seu referente, suportada pela *mesmidade* de uma *forma lógica* (o quadro transcendental ou a hiper-generalidade) que também nela, apenas, se “mostra”, barrando, por este modo, à dizibilidade a pretensão de a denotar ou a descrever. O outro lado do espelho é a grande ficção ontológica dos simples, últimos e indivisíveis - a substância do mundo - e a sua múltipla combinação nos “estados de coisas”, o fundamento do sentido, emergente num argumento transcendental <sup>7</sup>, mas por sua vez, tão infundado que se apaga na escrita tautológica do *Tractatus*. O outro lado do espelho é tão só o que no espelho se reflecte; e o reflectido, enquanto tal, constitui o espelho como espelho. Este gesto de pensamento, o da constatação de que estamos já no sentido, ao habitar-mos a linguagem, e que esta, tal como a mónada leibniziana, não tem porta nem janelas, exprime-o Wittgenstein na inscrição: “Os limites do meu mundo são os limites da minha linguagem” <sup>8</sup>. O *Tractatus* retirava à filosofia a sua base especulativa, não

<sup>5</sup> IDEM, *ibidem*, § 5.511: «Wie kann die allumfassende, Weltspiegelnde Logik so spezielle Haken und Manipulationen gebrauchen? Nur, indem sich alle diese zu einem unendlich feinen Netzwerk, zu dem grossen Spiegel, verknüpfen».

<sup>6</sup> IDEM, *ibidem*, § 4.022: «Der Satz zeigt seinen Sinn.

Der Satz zeigt, wie es sich verhält, wenn er wahr ist. Und er sagt, dab es sich verhält» e § 4.115: «Sie wird das Unsagbare bedeuten, indem sie das Sagbare klar darstellt» (o sublinhado é nosso). Queremos salientar que o conjuntos destas breves notas só se torna claro para o leitor, em função do que com elas intencionamos, se associadas às notas, 4.113 e 4.114, que de seguida citamos. 4.113: «Die Philosophie begrenzt das bestreitbare Gebiet der Naturwissenschaft»; 4.114: «Die soll das Denkbare abgrenzen und damit das Undenkbare.

Sie soll das Undenkbare von innen durch das Denkbare begrenzen».

<sup>7</sup> Remetemos o leitor para Marina Ramos THEMUDO, *Ética e Sentido, Ensaio de Reinterpretação do Tractatus Logico-Philosophicus de Ludwig Wittgenstein*, Livraria Almedina, Coimbra, 1989, pp 235-248.

<sup>8</sup> Cf. L. WITTGENSTEIN, op. cit., § 5.6: «Die Grenzen meiner Sprache bedeuten die Grenzen meiner Welt».

deixando outro resto que o “was” da existência e o “wie” da inteligibilidade factual, suportada pela omnipresença de uma forma lógica isomórfica e inexprimível, disseminada na particularidade múltipla do acontecer, figurado e enclausurado na proposição. Mas, ao mesmo tempo, levava ao paroxismo a falência das pretensões filosóficas e punha-lhe um ponto final. Desconstruindo as condições da possibilidade de *representação*, o texto tractatiano deixava, contudo, inalteradas na sua grandeza, algumas hipóteses metafísicas como a linguagem, a lógica.

Sem procurarmos fasear o gesto filosófico que se segue, nos estudos posteriores a 1929 - data do regresso de Wittgenstein à filosofia - limitamo-nos a salientar que aquele se aprofunda num trabalho desconstrutivo que arrasta consigo, para o nada das ilusões metafísicas, as figuras fantasmagóricas ligadas ao sentido e à totalidade da estrutura referencial do signo. Os textos ditos intermédios testemunham esse movimento que avança na luta contra todos os essencialismos (platónico e derivados), os substancialismos (aristotélico e pós-aristotélico) e os psicologismos de todos os tempos. Luta que, por vezes, aparentemente o aproxima da fenomenologia husserliana<sup>9</sup> mas da qual, de facto, se afasta por uma posição verdadeiramente persecutória de todas as reduções mentalistas: a teoria dos actos mentais caía, enquanto teoria, e enquanto tentativa fundante do sentido na mente e nos seus actos. Fraccionado, num primeiro momento, o grande quadro da estrutura lógica da linguagem nos sub-sistemas gramaticais, onde a proposição ganhava o seu sentido, difractada a sintaxe por essas novas unidades sistémicas, o cálculo proposicional manter-se-ia até que a investigação, cavando mais fundo no terreno paradigmático dos fundamentos da matemática, mostrou o carácter arbitrário da sintaxe e flexibilizou a concepção da “aplicação” das regras<sup>10</sup>.

A estes novos avanços corresponde, na terminologia das observações, o aparecimento da noção de “jogo”, que vem substituir, a mais logicamente determinada, de “cálculo”.

Esta mudança é o sintoma de verdadeiro salto qualitativo, que arrasta consigo as hipóteses que o *Tractatus* deixara ainda por desconstruir. Mas a noção de “jogo” não é mais uma “super-generalidade”, um novo “transcendental”. A própria aplicação wittgensteiniana do termo, dissemina-o na sua significação/utilização, que diverge do *Brown Book* às *Philosophisches Untersuchungen*.

<sup>9</sup> Cf. Daniel NICOLET, *Lire Wittgenstein, Études pour une Reconstruction Fictive*, Aubier, 1989, *passim*.

<sup>10</sup> Cf. IDEM, *ibidem*, 57-61. Cf. François SCHMITZ, *Wittgenstein, la Philosophie et les Mathématiques*, PUF, 1988, 169-189.

No *Brown Book* escrevera:

“Não estamos, todavia, considerando os jogos de linguagem, que descrevemos, como partes incompletas de uma linguagem, mas sim como linguagens completas em si mesmo, como sistemas completos de comunicação humana (...)

(Observação: a imagem que temos da linguagem do adulto é a de uma massa nebulosa, a língua materna rodeada de jogos de linguagem descontínuos e mais ou menos definidos, as linguagens técnicas.)”<sup>11</sup>

Neste livro, como Rush Rhees salienta<sup>12</sup>, os jogos funcionam metodologicamente, permitindo, no engenho imaginativo em que se descrevem, iluminar certos aspectos da linguagem tais como os que respeitam à sua aprendizagem e à sua significação.

Nas *Philosophische Untersuchungen*, discriminam-se diversas acepções da aplicação do termo, que perdem o contorno mais rígido das descrições do *Brown Book*. Chamam-se, aí, “jogos da linguagem” aos “jogos por meio dos quais as crianças aprendem a sua língua materna»; a «uma linguagem primitiva»; aos “processos de nomear e repetir as palavras»; ao “uso que se faz de palavras em jogos de roda”<sup>13</sup>. Nesta seriação, apercebemo-nos de como Wittgenstein deixa cair, de um para o outro texto, o limite que passava pelos jogos, enquanto *sistemas completos de comunicação*, pois não só dificilmente poderíamos atribuir *sistematicidade* aos modos vários como as crianças aprendem a sua língua materna, como também será pouco apropriado descrever “o uso que se faz de palavras em jogos de roda” como um *sistema* completo de *comunicação*. Mas a nova aplicação do termo e a sua fecundidade nocional, introdu-la Wittgenstein, na sequência deste parágrafo 7:

<sup>11</sup> Cf. Ludwig WITTGENSTEIN, *The Blue and Brown Books*, Basil Blackwell, Oxford, 1969, secção 5: «We are not, however, regarding the language games which we describe as incomplete parts of a language, but as languages complete in themselves, as complete systems of human communication. (...)

(Remark: The picture we have language of the grown-up is that of a nebulous man of language, his mother tongue, surrounded by discrete and more or less clear-cut language games, the technical languages.)»

<sup>12</sup> Cf. Rush RHEES, Prefácio in: *The Blue and Brown Books*, ed. cit. VI.

<sup>13</sup> Cf. Ludwig WITTGENSTEIN, *Philosophische Untersuchungen*, in: L. WITTGENSTEIN, *Schriften* 1, Frankfurt am Main, 1980, 7: Wir können uns auch denken, daß der ganze Vorgang des Gebrauchs der Worte in (2) eines jener Spiele ist, mittels welcher Kinder ihre Muttersprache erlernen. Ich will diese Spiele, <Sprachspiele> nennen, und von einer primitiven Sprache manchmal als einem Sprachspiel reden.

Und man könnte die Vorgänge des Benennens der Steine und des Nachsprechens des vorgesagten Wortes auch Sprachspiele nennen. Denke an manchen Gebrauch, der von Worten in Reigenspielen gemacht wird».

Seguimos a tradução portuguesa de M. S. LOURENÇO, *Tratado Lógico-Filosófico. Investigações Filosóficas*, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

“Chamarei também ao todo formado pela linguagem com as actividades com as quais ela está entrelaçada o «o jogo de linguagem»”<sup>14</sup>

E, ainda, o parágrafo 23:

“A expressão *jogo* de linguagem deve aqui realçar o facto de que falar uma língua é uma parte de uma actividade ou forma de vida”<sup>15</sup>

Dir-se-ia que o arco, da *significação-representação* à *significação-utilização*, se completara e que a investigação encontrara, enfim, um outro solo estável, um último pólo referencial. Mas é a última ilusão de uma “hiper-generalidade”, embora tenhamos de reconhecer já extremamente desvirtuada, enquanto tal, pelas difracções que a própria noção de «uso» impunha à significação. A análise ordena, todavia, uma cautela geradora de uma nova relativização:

«Para uma grande classe de casos - embora não para todos - do emprego da palavra <sentido> pode dar-se a seguinte explicação: o sentido de uma palavra é o seu uso na linguagem»<sup>16</sup>

«Em vez de especificar o que é comum a tudo aquilo que chamamos linguagem, eu afirmo que todos estes fenómenos nada têm em comum, em virtude do qual nós utilizamos a mesma palavra para todos - mas antes que todos eles são *aparentados* entre si de muitas maneiras diferentes.

E, por causa deste parentesco ou destes parentescos, chamamos a todos ‘linguagens’»<sup>17</sup>

A recorrência à(s) metáfor(a)s do *parentesco* - ares de família<sup>18</sup> - ocupa o “não-lugar” das figuras ou categorias metafísicas que permitiam pensar a identidade e a diferença em termos onto-lógicos, como por exemplo, entre outras, o género e a espécie. A noção de «representação» rebenta nos dois domínios fundamentais: o do Ser e o da Verdade. Pois, como diz Daniel Nicolet, muito embora «a linguagem nos abra ao que é (...) o que é, o ente, não é precedido pelo Ser, pelo Uno ou pelo Outro, que

<sup>14</sup> IDEM, *ibidem*; «Ich werde auch das Ganze: der Sprache und der Tätigkeiten, mit denen sie verwoben ist, das <Sprachspiele> nennen».

<sup>15</sup> IDEM, *ibidem*, § 23: «Das Wort <Sprachspiele> soll hier hervorheben, daß das Sprechen der Sprache ein Teil ist einer Tätigkeit, oder einer Lebensform».

<sup>16</sup> IDEM, *ibidem*, § 43: «Man kann für eine große Klasse von Fällen der Benützung des Wortes <Bedeutung> - wenn auch nicht für alle Fälle seiner Benützung - dieses Wort so erklären: Die Bedeutung eines Wortes ist sein Gebrauch in der Sprache».

<sup>17</sup> IDEM, *ibidem*, § 65: «Statt etwas anzugeben, was allem, was wir Sprache nennen, gemeinsam ist, sage ich, es ist diesen. Erscheinungen garnicht Eines gemeinsam, weswegen wir für alle das gleiche Wort verwenden, - sondern sie sind mit einander in vielen verschiedenen Weisen *verwandt*. Und dieser Verwandtschaft, oder dieser Verwandtschaften wegen nennen wir sie alle <Sprachen>».

<sup>18</sup> IDEM, *ibidem*, § 67: «Ich kann diese Ähnlichkeiten nicht besser charakterisieren als durch das Wort <Familienähnlichkeiten>».

seriam ainda linguagem - o texto imaginário omnicomprensivo que a relatividade do jogo exclui»<sup>19</sup>. A imbricação, nos «jogos de linguagem», das dimensões linguística e não-linguística (as actividades) e a imbricação daqueles nas «formas de vida», revelam a disseminação significativa e expressiva do sentido, o *holismo* imperante e *indizível* para que apontam.

Depois das fracturas causadas no «método projectivo» do *Tractatus* - o espaço de manifestabilidade do operador existencial que ligava a *proposição/figura* aos estados de coisas constitutivos do *mundo* - a relação *linguagem/mundo* reaparece no interior de «Kehre» wittgensteiniana, mas agora referindo uma imanência mais profunda, uma actuação ultra-íntima. Os «jogos de linguagem» são articulações significantes das partes heterogéneas<sup>20</sup> que os constituem: a palavra é, apenas, uma das partes do <signo>; enquanto os gestos, as atitudes, a relação activa aos outros e às coisas, bem como a totalidade do que constrói a circunstância, constituem as outras partes, num articulado em contínuo e tão ininterrupto, que o sentido imanente fica sempre diferido e em aberto. Não porque haja que ser reactivado por um «sujeito constituinte», mas em virtude da ausência de soluções de continuidade entre os diversos jogos, aos quais pertence, enquanto totalidades significantes, de direito, a *intencionalidade*. Consequentemente, sempre *indizível*. Sem meta-linguagem possível. Todo o dizer prolonga a teia, continua-a, mas não a dobra, não a repete. Novamente nos encontramos na superfície, mas, agora, sem a ilusão do espelho. Sem a possibilidade de uma linha delimitadora de «interior» e «exterior», de signo e sentido, do que é e não é linguagem. Os elementos desta «práxis da linguagem» co-implicam-se e co-determinam-se. A metáfora é a do filme e seu acompanhamento musical (diferente da *banda - imagem* e da *banda - sonora*): não se trata do funcionamento mecânico de duas realidades distintas. Filme (mundo) e acompanhamento musical (linguagem), juntos, constituem uma unidade de sentido<sup>21</sup>. E é no jogo de cumplidades entre estes elementos que eles significam e se tornam expressivos. Do carácter inultrapassável deste «interior» (que já o não é, pela ausência de um exterior) devém, como consequência, a indescritibilidade,

<sup>19</sup> Daniel NICOLET, op. cit., p. 117 «(...) le langage nous ouvre à ce qui est: mais ce qui est, l'étant, n'est pas précédé par l'Être, par l'Un ou par l'Autre, qui seraient encore langage - le Texte imaginaire omnicompréhensif, que la relativité des jeux exclut».

<sup>20</sup> Cf. Ludwig WITTGENSTEIN, *Philosophische Grammatik*, in: Ludwig WITTGENSTEIN, *Schriften* 4, ed. cit., I, 29: «Nun, die Sprache greift ja auch in mein Leben ein. Und was <Sprache> heißt ist ein Wesen bestehend aus heterogenen Teilen und die Art und Weise wie sie eingreift unendlich mannigfach».

<sup>21</sup> Cf. Friedrich WAISMANN, *Ludwig Wittgenstein und der Wiener Kreis*, in: Ludwig WITTGENSTEIN, *Schriften* 3, ed. cit., p. 10; cf. também Daniel NICOLET, op. cit., pp. 138-142.

por *princípio*, do *contexto* de significação, uma vez que ele próprio é parte implicada: “a significação são as circunstâncias em que a frase é dita e onde ela própria entra a título de componente (qualquer que seja o seu grau de articulação)”<sup>22</sup>. O jogo descritivo seria um outro jogo que, por isso, exigiria a mesma relação à totalidade imanente, a qual seria também, em consequência, uma outra.

Uma vez desconstruída a concepção tradicional do «signo» - que o desdobra em duplicações ilusórias ( a sua dimensão representativa) - o objectivo crítico de Wittgenstein alcança os fundamentos das construções filosóficas teóricas. Seguindo, de novo, Daniel Nicolet: “A atitude descritivista é, pode-se dizer, a filosofia tal como Wittgenstein a encontrou em Russell e Frege; é ainda a filosofia tal como ela persistiu depois do *Tractatus*, indiferente à limitação que este traça ao pensamento teórico; é, em geral, a atitude teórica, enquanto ela comporta a ilusão de um poder universal de descrição da linguagem, do real, de uma auto-descrição integral do pensamento”<sup>23</sup>.

As *Philosophische Untersuchungen* contêm um número notável de observações de Wittgenstein sobre a filosofia. Algumas respeitam interrogações auto-reflexivas. Possuímos, hoje, o texto alargado dos manuscritos de onde elas foram retiradas e onde se espelham as mesmas preocupações<sup>24</sup>. Como continuar a filosofar (é ainda com este nome que ele designa o seu trabalho) - após o “fim da filosofia” que o *Tractatus* proclamara e que para o seu autor era um dado adquirido - é a questão com que ele se debate e que emerge, recorrentemente, em todos os textos wittgensteinianos que lhe são posteriores. Daí, a necessidade de juntar num só os dois textos.

As *Philosophische Untersuchungen* mantêm com o *Tractatus* uma dupla relação: por um lado, prolongam-lhe a aquisição “anti-teórica”

<sup>22</sup> Cf. Daniel NICOLET, *op. cit.*, p. 116: «(...) la signification, ce sont les circonstances où la phrase est dite - et où elle - même entre à titre de composante (quel que soit son degré d'articulation)».

<sup>23</sup> IDEM, *ibidem*, pp. 120-121: «L'attitude descriptiviste, c'est, pourrait-on dire, la philosophie telle que Wittgenstein l'a trouvée chez Russell et chez Frege; c'est encore la philosophie telle qu'elle persiste après le *Tractatus*, sans égard à la limitation que celui-ci trace à la pensée théorique; c'est en général l'attitude théorique, en tant qu'elle comporte l'illusion d'un pouvoir universel de description du langage, du réel, d'une auto-description intégrale de la pensée».

<sup>24</sup> Referimo-nos ao excerto de *The Big Typescript*, intitulado “Philosophy” e publicado in: *Wittgenstein in Florida. Proceedings of the Colloquium on the Philosophy of Ludwig Wittgenstein*, Florida State University, 7-8 August 1989. Ed. by J. Hintikka, Dordrecht/Boston/London: Kluwer, 1991:

que aquele encenava, mimando o próprio discurso teórico; e, por outro, levam o gesto desconstrutor a cavar mais fundo nos pressupostos que o *Tractatus* deixara ainda de pé e estendem-no para além destes, numa outra escrita, num outro estilo.

Abandonada a possibilidade teórica, as *Philosophische Untersuchungen* desconstruem, do mesmo modo, a possibilidade de teorizar o seu método, a sua retórica, a sua escrita - em resumo: as condições da sua possibilidade.

O pensador recorrerá não à metáfora, mas às metáforas, para descrever a técnica da tecidura do seu texto: a do desenho, a da arquitectura, a da poesia<sup>25</sup>

Dir-se-ia que a «teoria do dizer e do mostrar», que opera no interior do *Tractatus*, informa, agora, a globalidade do método das *Philosophische Untersuchungen*: daí esse confronto com as artes, seguindo uma pedagogia da compreensão que, de certo modo, é exposta nas lições sobre a estética<sup>26</sup>.

Se a investigação wittgensteiniana é uma investigação *gramatical*, ela difere, todavia, como o próprio Wittgenstein diz, de a do filólogo ou linguísta, por esta particularidade: “o que nos interessa (...) é a tradução de uma linguagem noutras que nós *inventámos*”<sup>27</sup>. As *Philosophische Untersuchungen* constituem-se, assim, como um verdadeiro exercício - inventando e encenando situações - posta ao serviço da clarificação dos usos da linguagem e das armadilhas, que esta coloca nos caminhos do pensamento<sup>28</sup>, para “trazer as palavras do seu uso metafísico ao seu uso corrente (normal) na linguagem”<sup>29</sup>. Cenas e situações, em que o sentido se dispersa e dissemina, no modo plural em que em cada uma delas a palavra funciona, relançando-o para uma nova problematização e

<sup>25</sup> Cf. IDEM, *ibidem*, 86; cf. IDEM, *Vermischte Bemerkungen - Culture and Value*, Oxford, 1980, p. 24: « Ich glaube meine Stellung zur Philosophie dadurch zusammengefaßt zu haben, indem ich sagte: Philosophie dürfte man eigentlich nur *dichten*».

<sup>26</sup> Cf. Fausto ALVIM JÚNIOR, «Wittgenstein. Sobre a explicação estética e a explicação científica causal», in: *Crítica*, 5 (1971): 21-55.

<sup>27</sup> Cf. Ludwig WITTGENSTEIN, «Philosophy», in: *Wittgenstein in Florida*, ed. cit., 88, p. 8: «Our grammatical investigation differs from that of a philologist, etc.: What interest us, for instance, is the translation from one language into other languages we have invented».

<sup>28</sup> IDEM, *ibidem*, 90, p. 14: «Philosophy. The clarification of the use of language. Traps of language».

<sup>29</sup> IDEM, *ibidem*, 88, p. 8: «What we do is to bring words back from their meta-physical to their correct (normal) use in language».

libertando o filósofo do “carácter irritante da falta de clareza gramatical”<sup>30</sup>:

«A particular paz da mente que ocorre quando nós colocamos outros casos semelhantes próximo de um que julgávamos ser único! Esta ocorre, na nossa investigação, sempre que vemos que uma palavra não tem de ter apenas um sentido (ou precisamente dois) mas é usada em cinco ou seis modos diferentes»<sup>31</sup>.

Sem, todavia, nunca se explicar nem explicar, mas trazendo à presença e doando para a *visibilidade do desconhecimento filosófico* do funcionamento da nossa linguagem, num jogo imaginativo que decorre entre o fragmento e a ficção, suspendendo o juízo, como tão bem ele o enuncia e exemplifica neste excerto:

“Embora tudo permaneça aberto à vista, nada há para explicar. Porque o que não pode abrir-se à vista, não tem interesse para nós //..., porque o que está escondido, por exemplo, é ...//»<sup>32</sup>.

A palavra “visão” ocupa um lugar de excelência na obra de Wittgenstein: No *Tractatus*, a visão *sub specie aeterni*, cujo objecto poderia ser designado por *estrutura transcendental e a priori, lógica, ética e estética do Mundo*, deixa ver a relação profunda, em que, nessa estrutura, Vontade e Mundo recíproca e dialecticamente se dizem e se suportam<sup>33</sup>. Reduzida, nas *Philosophische Untersuchungen*, a Lógica à construção de linguagens ideais, sem constituir de modo algum a “norma” da linguagem<sup>34</sup>, o trabalho repetível e fragmentário da escrita realiza o movimento que desdobra e mostra uma «visão panorâmica», uma paisagem<sup>35</sup> - no fundo, uma chamada de atenção para o modo multifacetado e poliédrico da efectivação do sentido, através do jogo sem fim que articula o “dizer” e o “fazer”. A tarefa analítico-terapêutica - como Wittgenstein a classifica<sup>36</sup> - procura iluminar, através dessas “mostrações”, os jogos de linguagem

<sup>30</sup> IDEM, *ibidem*, 87, p. 6: «(The irritating character of grammatical unclarity)».

<sup>31</sup> IDEM, *ibidem*, 89, p. 10 «(The particular peace of mind that occurs when we can place other similar cases next to a case we thought was unique, occurs again and again in our investigations when we show that a word doesn't have just one meaning (or just two), but is used in five or six different ways (meanings))».

<sup>32</sup> IDEM, *ibidem*, 89, p. 12: «Since everything lies open to view there is nothing to explain either. For what might not lie open to view is of no interest to us. //..., for what is hidden, for example, is ... //».

<sup>33</sup> Cf. Marina R. THEMUDO, op. cit., 327-365.

<sup>34</sup> Cf. Ludwig WITTGENSTEIN, *Philosophische Untersuchungen*, § 81.

<sup>35</sup> IDEM, *ibidem*, «Vorwort», § 126.

<sup>36</sup> IDEM. *ibidem*, § 133, 593.

na sua proximidade e imbricação, no jogo das interferências de “modelos interpretativos” que, se válidos para determinados jogos, falham relativamente a outros que com os primeiros nada mais têm de comum que aparentes estruturas analógicas.

Estabelecendo “normas” para o seu exercício pensante, Wittgenstein registou, no seu manuscrito sobre a filosofia, o seguinte:

“Se eu corrijo um erro filosófico e digo que este é o modo como tem sido sempre concebido, mas que está errado, eu aponto sempre uma analogia que foi seguida // eu devo sempre apontar ...// e mostro que esta analogia é incorrecta.

Eu devo sempre apontar para uma analogia, de acordo com a qual se tem sempre pensado, mas que não se deve reconhecer como uma analogia”<sup>37</sup>.

Os parágrafos 611 e seguintes das *Philosophische Untersuchungen* sobre “querer”, “querer fazer”, “querer dizer”, “fazer”, “esforçar-se por fazer”, “saber o que se faz”, etc., são uma ilustração interessante daquela metodologia. Aí, se encena o modo como resulta, da aplicação indevida do “modelo da máquina” e da explicação mecanicista/causal à compreensão das expressões ligadas ao “querer” e ao “fazer”, os paradoxos de que se encheram páginas brilhantes da literatura filosófica sobre semelhantes matérias.

Como decorre dos preliminares, que achámos necessário tecer à análise destes parágrafos, o pensamento de Wittgenstein não se deixa apreender em bloco, num corpo de doutrina bem delimitado, mas antes pela estratégia, sempre em movimento, de exemplo e contra-exemplo, do questionar a que quase nunca se dá resposta e do incessante progredir e regredir de posições. Estratégia já designada de *hipnótica* e de *movimento de valsa*<sup>38</sup>, caracterizando, assim, o seu poder de convencer sem demonstrar e o ritmo a que chamaríamos de “leixa-prem” (recordando as velhas cantigas dos cancioneiros medievais) e a que somos por ela conduzidos. E isto significa que se fala sobre o pensamento wittgensteiniano, lendo os seus textos, acompanhando-os a par e passo, jogando o jogo, segundo as regras propostas, mas *nunca*, sistematizando-o ou expondo-o. Para além de outras, esta tentação permanece presente na maior parte dos seus intérpretes, esquecendo a intenção crítica e o seu gesto desconstrutivo,

<sup>37</sup> cf. Ludwig WITTGENSTEIN, «Philosophy», in: *Wittgenstein in Florida*, ed. cit., § 87, p. 6: «If I correct a philosophical mistake and say that this is the way it has always been conceived but this is not the way it is, I always point to an analogy // I must point to ... // that was followed, and show that this analogy is incorrect. // ... I must always point to an analogy according - wick one had been thinking, but which one did not recognize as an analogy.//».

<sup>38</sup> Cf. Jean-Luc PETIT, op. cit., 65,71.

que apontam precisamente no sentido de retirar os pressupostos sobre os quais assentam a sistematicidade e a teoria filosófica. Teorizar este texto é transgredi-lo, na maior das traições. Com esta cautela, tão dificilmente respeitável, “leremos” os parágrafos já indicados.

A linguagem ordinária conserva a distinção entre “acção voluntária” e “movimento mecânico”: trata-se de uma *distinção linguística*, que há que respeitar, como nos mostram os enunciados «eu movo o meu braço», «o meu braço move-se».

Por *distinção linguística* deve-se entender, na perspectiva wittgensteiniana, o seguinte: as expressões “acção voluntária” e “movimento mecânico” são categorias gramaticais distintas e não categorias ontológicas; ou seja, são *oposições* que funcionam como sistemas simbólicos distintos, no interior de um discurso que foi radicalmente des-substancializado. Por sua vez, no interior de cada sistema, as *oposições gramaticalmente vigentes* jamais deverão ser consideradas como *especificações de um género*, mas tão somente como duas modalidades diferenciadas de comportamentos linguísticos, abrangidos por uma mesma designação. O que significa que *acção voluntária* e *acção involuntária* não devem ser entendidas - como o foram tradicionalmente - como especificações de um género comum: a Acção. O *género comum* cedeu o seu lugar, como dissemos, a uma família de casos e nada mais. O *comum* é tecido de continuidades e descontinuidades, que não têm afinidade semântica com o *elemento específico* definidor que estabelecia e punha, lógica, gramatical e taxionomicamente, a diferença.

A natureza das *formas linguísticas*, actualmente empregues, é contingente. A sua genealogia pertence à história natural do homem<sup>39</sup> e não têm outro fundamento que não seja o facto perturbador da sua própria realidade<sup>40</sup>.

Assim: “eu movo o meu braço” e “o meu braço move-se” - acção voluntária e movimento mecânico - são dois modos de descrição diferentes, dois jogos linguísticos, cada um com a sua gramática própria, que não apontam para nenhum transcendente extra-linguístico, como seu fundamento ontológico. Remetem-se ao quadro amplo da práxis humana, caracteristicamente linguística, cujas formas são as condições de toda a significação.

<sup>39</sup> Cf. Ludwig WITTGENSTEIN, *Philosophische Untersuchungen*, § 415: « Was wir liefern, sind eigentlich Bemerkungen zur Naturgeschichte des Menschen; aber nicht kuriose Beiträge, sondern Feststellungen, an denen niemand gezweifelt hat, und die dem Bemerkwerden nur entgehen, weil sie ständig vor unsern Augen sind»

<sup>40</sup> Cf. IDEM, *ibidem*, § 124.

Ao jogo de linguagem a que pertence o enunciado da *acção voluntária* não convém a explicação causal. O modo de interpretação causal da *acção voluntária*, criticado por Wittgenstein (e seus continuadores) tal como bem viu Ricoeur<sup>41</sup> é o modelo humiano de *causa*: «A luta contra esta noção de causa estará no centro das discussões sobre motivo e causa»<sup>42</sup>, ambos pertencentes ao nível semântico conceptual da acção..

Continuando a seguir Ricoeur, este modelo apresenta as seguintes características:

Em 1º lugar: Causas e efeitos são fenómenos observáveis;

Em 2º lugar: São ambos fenómenos distintos no tempo;

Em 3º lugar: São fenómenos logicamente contingentes (a noção de um não implica a do outro, isto é, podem ser compreendidas independentemente uma da outra);

Em 4º lugar: Constituem numa sequência regular que é a base de toda a previsão e intervenção<sup>43</sup>.

Vejam, seguidamente, como a reflexão de Wittgenstein desenha o cenário, onde a incompatibilidade entre o modelo interpretativo e o seu objecto mostram a sua inadequação.

Como diz Garth Hallet<sup>44</sup> o ponto de partida para a compreensão dos parágrafos 611 a 628 das *Philosophische Untersuchungen* é a afirmação de Ludwig Wittgenstein:

“Há uma forte oposição entre estas ideias: gostaríamos de dizer: «querer não é uma experiência» e «querer é uma experiência»<sup>45</sup>.

O que se “mostra” na sequência destes parágrafos é que ao QUERER não corresponde nenhuma experiência particular e que a falta de sentido dessas expressões resulta da aplicação do “Modelo da Máquina” ao jogo

<sup>41</sup> Cf. Paul RICOEUR, *Semantique de l'Action*, Université Catholique de Louvain, 1970-71.

<sup>42</sup> IDEM, *ibidem*, p. 32: «La lutte contre la cause humaine sera au centre des discussions sur motif et cause».

<sup>43</sup> IDEM, *ibidem*: «1º causes et effets sont des observables; 2º distincts dans le temps; 3º logiquement contingents (la notion de l'un n'implique pas la notion de l'autre, l'un peut être compris sans l'autre); 4º constituant une séquence régulière base, de toute prédiction et intervention».

<sup>44</sup> Garth HALLET, *A Companion to Wittgenstein's <Philosophical Investigation>*, Cornell University Press, Ithaca and London, 1977, p. 574.

<sup>45</sup> L. WITTGENSTEIN, *Eine Philosophische Betrachtung*, Schriften 5, ed. cit., p. 235: «Hier gibt es einen seltsamen Widerstreit zweider Ideen: Man möchte sagen <der Wille ist keine Erfahrung> und - der Wille ist doch nur Erfahrung».

da linguagem do “querer”. Se dizemos, como se diz no parágrafo 611: “querer é também uma experiência”<sup>46</sup> pois vem quando vem e não o podemos *produzir*<sup>47</sup>, o que, segundo Wittgenstein, se quer dizer é o seguinte:

“não me é possível não-querer o querer; isto é, não tem qualquer sentido falar em querer-querer. <Querer> não é o nome de uma acção voluntária. E a origem da minha expressão errónea está em querer pensar o querer como um *produzir* imediato, não-causal. No fundo desta ideia jaz uma *analogia enganadora*; o nexa causal parece ser estabelecido por um mecanismo que liga duas partes distintas da máquina. Se o mecanismo é alterado, a ligação pode ser interrompida.”<sup>48</sup>

Entenda-se: como no caso do “querer” (e seguindo o modelo proposto) a interrupção não faz sentido - não me é possível não querer o “querer”<sup>49</sup> - mesmo que este seja ainda entendido em termos de PRODUIZIR, todavia não o podemos considerar como um produzir causal: não faz sentido dizer eu “quero-querer”, mas “eu quero” ou “não quero”.

Agora, veja-se: associada à ideia do “querer”, como um «produzir imediato não causal», encontra-se a ideia de um “sujeito volitivo”<sup>50</sup> como algo destituído de massa, «motor que em si próprio não tem que vencer a resistência da inércia. Logo, que apenas se move, mas não é movido»<sup>51</sup>. Neste contexto imagético, parece que se poderia dizer como o faz Ludwig Wittgenstein, parafraseando Santo Agostinho:

“eu quero, mas o meu corpo não me obedece, mas não se pode dizer <a minha vontade não me obedece> (Santo Agostinho)”<sup>52</sup>

<sup>46</sup> L. WITTGENSTEIN, *Philosophische Untersuchungen*, ed. cit., § 611: «Das Wollen ist auch nur eine Erfahrung».

<sup>47</sup> IDEM, *ibidem*: «Er kommt, wenn er kommt, und ich kann ihn nicht herbeiführen»

<sup>48</sup> IDEM, *ibidem*, § 613: «ich könnte das Wollen nicht wollen; d. h., es hat keinen Sinn, von Wollen-Wollen zu sprechen <Wollen> ist nicht der Name für eine Handlung und also auch für keine unwillkürliche. Und mein falscher Ausdruck kam daher, daß man sich das Wollen als ein *unmittelbares, nichtkausales, Herbeiführen* denken will. Dieser Idee aber liegt eine irreführende Analogie zu Grunde; der Kausale Nexus erscheint durch einen Mechanismus hergestellt, der zwei Maschinenteile verbindet. Die Verbindung kann auslassen, wenn der Mechanismus gestört wird». (o sublinhado é nosso).

<sup>49</sup> A este propósito, atenda-se à interpretação de Jean-Luc PETIT, op. cit., p. 72: «A présent, cette explication se révèle une façon très détournée d'exprimer un fait de langage: le système allemand de formation des noms composés, par préfixation d'un verbe d'action substantivé au substantif *Wollen*, exclut que *Wollen* soit, préfixé à soi-même (règle évidemment non limitée, au seul cas du mot *Wollen*)».

<sup>50</sup> Cf. L. WITTGENSTEIN, op. cit., § 618.

<sup>51</sup> Cf. IDEM, *ibidem*.

<sup>52</sup> IDEM, *ibidem*: «Man kann sagen <Ich will aber mein Körper folgt mir nicht> - aber nicht: <Mein Wille folgt mir nicht>. (Augustinus)».

Como escreve Jean-Luc Petit, quando interpreta este parágrafo, “a concepção do ‘sujeito volitivo’ nada mais faz que defender o contrário do mecanicismo ordinário (...). Resta-lhe tributário, na medida em que a essência do querer está pré-determinada por uma negação dos princípios do mecanicismo”<sup>53</sup>. E ainda: “Ao dizer o sujeito volitivo <não produz> o querer, tem-se, pois, uma expressão imagética para a ideia que o sujeito volitivo não poderia opor uma resistência à sua própria propulsão”<sup>54</sup>. O que fica reforçado pelo facto de a gramática do querer excluir a expressão *tentar querer*:

“Mas no sentido em que não posso falhar o acto de querer, nesse sentido também não posso tentá-lo”<sup>55</sup>.

“E poder-se-ia dizer: <Eu só posso *querer* na medida em que não posso nunca tentar querer>”<sup>56</sup>.

Não se estranha que, no parágrafo seguinte, o parágrafo 620, Wittgenstein substitua a palavra “querer” por “fazer”. O sentido activo, intencional, ligado ao uso linguístico de “fazer” implicam-no fortemente na gramática do voluntário. Daí, as seguintes associações:

“*Fazer* parece, em si próprio, não ter qualquer volume de experiência. Parece um ponto sem extensão, a ponta de uma agulha. É esta agulha que parece ser realmente o agente e os acontecimentos do mundo fenomenal apenas a consequência deste fazer. Eu faço parece ter um sentido determinado, independente de toda a experiência”<sup>57</sup>

Segue-se uma reflexão «en abîme» que, jogando o jogo, já anteriormente condenado da *significação* (que pressupõe que a uma palavra

<sup>53</sup> Jean-Luc PETIT, *op. cit.*, P. 81: «Cette conception ne fait, selon lui, que prendre le contre-pied du mécanisme ordinaire [...]. Elle en reste donc tributaire, dans la mesure où l'essence du vouloir est pour elle prédéterminée par une négation des principes du mécanisme».

<sup>54</sup> IDEM, *ibidem*, 81: «En disant que le sujet <n'entraîne pas> le vouloir, on a donc une expression imagée pour l'idée que le sujet volontaire ne saurait opposer une résistance à sa propre impulsion».

<sup>55</sup> L. WITTGENSTEIN, *op. cit.*, § 618; «Aber in dem Sinn, in welchem es mir nicht mißlingen kann, zu wollen, kann ich es auch nicht versuchen».

<sup>56</sup> IDEM, *ibidem*, § 619: «Und man könnte sagen: <Ich kann nur insofern jederzeit wollen, als ich nie versuchen kann, zu wollen>»

<sup>57</sup> IDEM, *ibidem*, § 620: «*Tun* scheint selbst kein Volumen der Erfahrung zu haben. Es scheint wie ein ausdehnungsloser Punkt, die Spitze einer Nadel. Diese Spitze scheint das eigentliche Agens. und das Geschehen in der Erscheinung nur Folge dieses Tuns. <Ich *tue*> scheint einen bestimmten Sinn zu haben, abgelöst von jeder Erfahrung».

deve corresponder sempre uma experiência específica), monta e desmonta cenários em que ACTOS (como o de *decidir* ou *desejar*) ou SENSações (a de resistência, a cinestésica) se perfilam, como os titulares de direito, a referenciar, do ponto de vista do AGENTE, o QUERER, para logo de seguida se condenarem nos contra-exemplos que falsificam a hipótese por não verificável. Nestes parágrafos, o movimento da reflexão conduz a uma panorâmica tão vasta do que comumente designamos pela palavra querer, que esta se desmultiplica na amplidão das múltiplas e diferenciadas modalidades do estar activo, fazendo ecoar Schopenhauer, mas agora liberto de qualquer resíduo metafísico, no parágrafo 615:

“<Querer, se não é uma espécie de desejar, tem que ser a própria acção. Se é a acção, então é-o no sentido usual do termo; logo, falar, escrever, ir, levantar uma coisa, visualizar uma coisa. Mas também: tentar, experimentar, esforçar-se para falar, para escrever, para levantar uma coisa, para visualizar uma coisa, etc..”<sup>58</sup>

Schopenhauer escrevera: “O acto de querer e a acção do corpo não são dois estados objectivamente conhecidos, conectados pelo nexos causal; eles não estão na relação causa e efeito, antes são uma e a mesma coisa.”<sup>59</sup>

Nem acto, nem experiência alguma específica, devidamente individualizada, constituem o referente subjectivo da palavra “querer”.

Entre o “querer” e a “acção” não há nexos causal, pois que não se trata de dois fenómenos distintos: QUERER -> FAZER -> AGIR, disseminam-se na diversidade e multiplicidade do seu efectuar, na diversificação dos jogos de linguagem, onde os enunciados cobram sentido.

Falhando as duas primeiras condições do esquema de causalidade humano, falham necessariamente as subsequentes.

Utilizámos a expressão “reflexão em abíme” para significar o desdobramento possível e passível de casos, cada um deles pertencendo a uma família, onde a *identidade* explode em palavras, actos, atitudes, senti-

<sup>58</sup> IDEM, *ibidem*, § 615 «Das Wollen, wenn es nicht eine Art Wünschen sein soll, muß das Handeln selber sein. Es darf nicht vor dem Handeln stehen bleiben». Ist es das Handeln, so ist es dies im gewöhnlichen Sinne des Worts; also: sprechen, schreiben, gehen etwas heben, sich etwas vorstellen. Aber auch: trachten, versuchen, sich bemühen, - zu sprechen, zu schreiben, etwas zu heben, sich etwas vorzustellen, etc».

<sup>59</sup> A. SCHOPENHAUER, *The World as Will and Representation*, trans. by E. Payne, 2 vols., New York, 1966, I, 100: «The act of the will and the action of the body are not two different states objectively by known connected by the bond of causality: they do not stand in the relation of cause and effect, but are one and the same thing», citado por Garth HALLET, *op. cit.*, p. 574.

mentos e sensações múltiplas e sempre variáveis, que tecem a tecidura da singularidade de cada situação.

Sem dúvida que, no discurso quotidiano, nós utilizamos a distinção “acção voluntária” e “acção involuntária”, mas trata-se, como se insistiu, de uma distinção linguística que remete sempre para um contexto, uma situação construída, tal como um edifício, com muitos materiais.

Em *Zettel*, escrevia:

“O que é voluntário são certos movimentos com a sua *normal* envolvimento de intenção, aprendizagem, ensaio, acção. Movimentos acerca dos quais faz sentido dizer que algumas vezes são voluntários e outras involuntários, numa determinada circunstância especial.”<sup>60</sup>

O discurso é fortemente *contextualista*, mas também eminentemente *imanentista*. Desenvolveremos este segundo aspecto, fixando agora a nossa atenção no facto de que, se “eu movo o meu braço” e “o meu braço move-se” são, apenas, dois tipos de descrição que não remetem para um *vivido* que os antecede e que eles *exprimem*, com mais razão se poderá afirmar que é a *dimensão linguística* que *constitui e pré-determina* esse vivido.

A continuação da análise, que se opera com os parágrafos 633 a 637 e que desloca o questionamento do “QUERER-FAZER” para o “QUERER-DIZER”, mostra, segundo as palavras de Jean-Luc Petit, que: “A *acção voluntária* é tão essencialmente dependente da sua expressão linguística que, para isolar o querer do querer fazer, é preciso obrigatoriamente passar pela separação do querer que nós realizamos correntemente, no querer dizer. Com isso se verifica o carácter de significância do querer, significância que arranca este querer à condição de processo mental e o promove à de uso linguístico”<sup>61</sup>.

Se, até este momento, a montagem cenográfica de Wittgenstein bastou para retirar ao “querer” o solo psicologista e mentalista que parecem

<sup>60</sup> L. WITTGENSTEIN, *Zettel*, in: *Schriften V*, 577: «Willkürlich sind gewisse Bewegungen mit ihrer normalen Umgebung von Absicht, Lernen, Versuchen, Handeln, Bewegungen, von denen es Sinn hat zu sagen, sie seien manchmal willkürlich, manchmal unwillkürlich, sind Bewegungen in einer speziellen Umgebung».

<sup>61</sup> Jean-Luc PETIT, *op. cit.*, p. 111: «L'action volontaire n'est pas rendue telle par la superposition, à un pur mouvement corporel, d'un autre mouvement mental. L'action volontaire est si essentiellement dépendante de son *expression linguistique*, que pour isoler le vouloir-faire il faut obligatoirement passer par la séparation du vouloir que nous réalisons - couramment - dans le vouloir-dire. Par là se vérifie le caractère de signification du vouloir, signification qui arrache ce vouloir à la condition de processus mental et le promeut à celle d'usage linguistique».

suportá-lo, a seguinte montagem revisita-o para o recolocar num outro cenário, em que o psicológico e o mental emergem da linguagem e só o são por ela e através dela. A interligação entre os dois momentos efectua-se através da consideração de natureza epistemológica, relativa à *intenção de dizer*, a partir sobretudo, do parágrafo 633:

"Foste antes interrompido; ainda sabes o que querias dizer?"<sup>62</sup>

O contacto com a problemática anterior é visível, se atendermos ao seguinte: o *querer dizer* (a intenção) liga-se ao *querer fazer*, porque se pode pretender dizer o que se quer fazer, ou seja, *pronunciar um enunciado de declaração de intenção*. Se aproximarmos a objectiva, começamos a apercebermo-nos de que o *querer fazer* (a intencionalidade do fazer) é tanto da ordem da significação, quanto o *querer dizer* de uma expressão (a intencionalidade do dizer).

Os parágrafos 638 a 646 põem em evidência as características diferenciadas dos *enunciados da intenção*. A certeza de um destes enunciados não depende de provas e são, além do mais, insensíveis à oposição realidade/irrealidade.

A recorrência a um exemplo permitir-nos-á concretizar o que lemos no texto de Wittgenstein. Se viram o filme de David Lean, *Passagem para a Índia*, e se se recordam, há um momento em que uma jovem aristocrata inglesa, em visita a umas grutas célebres, na companhia de um médico indiano, também ele jovem, se apavora, grita, entra em pânico e foge deste. Posteriormente, justificar-se-á perante amigos e mais tarde, na barra do tribunal, apresentando as *razões* dos seus actos. Atribui, então, a si e ao seu acompanhante, intenções que se legitimam numa *narrativa*, por ela efabulada, que *reconstitui* gestos, acções e circunstâncias, num todo aparentemente coerente e com *sentido*. Reformulará, depois, a sua história, significando de modo diferente os seus actos, numa nova reconstituição narrativa que se sustém igualmente, graças ao seu suporte de sentido. Não complicaremos, abstenendo-nos de referir as continuações narrativas e as interpretações de intenção, que se seguirão nos relatos dos outros comparsas, implicados no julgamento. A sentença resultará das articulações dos "factos" e das narrativas numa outra narrativa, aceite como mais "convincente".

Que se pretende "mostrar"? Como o significar acções se mantém numa base linguística, em que se estabelecem conexões entre um enun-

<sup>62</sup> IDEM, *ibidem*, § 633: «<Du wurdest früher unterbrochen; weißt du noch, was du sagen wolltest?>».

ciado de intenção e um todo narrativo. É esta constatação que se liga à importância que a palavra *história* ganha no vocabulário destes últimos parágrafos das *Philosophische Untersuchungen*. Quer os *enunciados de intenção*, quer os *enunciados de actividades psicológicas* só ganham significado no interior de uma *história*, onde uma exigência de declaração de intenção, por exemplo, se impõe.

A “história” é, assim, uma unidade estrutural, com uma certa ordem, a *sua*, que constitui um todo significativo.

A *intenção* declarada resume-se à série indefinida de coisas que se podem dizer, quando se *conta* a ocasionalidade da sua ocorrência.

Os parágrafos que conduzem a esta *mostração* contrapõem “história” e “causalidade”. O termo “cena” associa-se naqueles ao de “história”, com a sua conotação teatral de representação e montagem<sup>63</sup>.

Recordar, por exemplo, uma intenção passada - o que num determinado momento se ia dizer ou tencionava fazer - é, de certo modo, reconstituir uma cena e podê-la enunciar, não exactamente do modo em que, na altura, se teria feito, se a interrupção não tivesse acontecido, mas de um outro modo diferente, possivelmente até mais completo e perfeito:

“<Não me lembro mais das minhas palavras, mas lembro-me exactamente da minha intenção; eu queria sossegá-la com as minhas palavras>. O que é que a minha recordação me mostra? O que é que me traz à consciência? E se não fizesse mais do que sugerir-me essas palavras! E talvez ainda outras, que pintem a situação ainda mais exactamente (...)”<sup>64</sup>

E é no reconhecimento desta competência *pragmático-linguística*: ligar e articular os dados em renovadas unidades de sentido, que se pode entender várias coisas. Em primeiro lugar, a autonomia dos *jogos de linguagem* relativamente à *vivência*, como o confirmam os parágrafos 654, 655:

“O nosso erro consiste em procurar uma explicação onde devemos ver os factos como o <fenómeno primordial>. Isto é, onde devíamos dizer: *este jogo de linguagem joga-se*”<sup>65</sup>.

<sup>63</sup> Cf. IDEM, *ibidem* §§ 489; 642; 643; 644.

<sup>64</sup> IDEM, *ibidem*, § 648: «Ich erinnere mich nicht mehr an meine Worte, aber ich erinnere mich genau an meine Absicht; ich wollte ihn mit meinen Worten beruhigen. <Was zeigt mir meine Erinnerung; was führte sie mir vor die Seele? Nun, wenn sie nichts täte, als mir diese Worte einzugeben! Und vielleicht noch andere, die die Situation noch genauer ausmalen».

<sup>65</sup> IDEM, *ibidem*, § 654: «Unser Fehler ist, dort nach einer Erklärung zu suchen, wo wir die Tatsachen als <Urphänomene> sehen sollten. D. h., wo wir sagen sollten: *dieses Sprachspiel wird gespielt*».

“Não se trata de uma explicação do jogo de linguagem através das nossas vivências, mas da constatação de um jogo de linguagem”<sup>66</sup>.

Em segundo lugar, que os conceitos psicológicos só têm sentido no âmbito de potencialidades linguísticas e é a essa luz que terão de ser revistos. Wittgenstein pergunta, no parágrafo 649:

«Assim, uma pessoa que não aprendeu uma linguagem não pode ter recordações?»<sup>67</sup>

E responde:

«Certamente - não pode ter recordações verbais, não pode verbalizar desejos ou medos, etc.»<sup>68</sup>

Acrescentando a esta posição, a bem significativa observação do parágrafo 650:

«Dizemos que o cão receia que o seu dono lhe bata; mas não dizemos que receia que o seu dono lhe bata amanhã. Porque não?»<sup>69</sup>

A resposta implícita é, obviamente, porque é a utilização da linguagem humana que abre o espaço da irredutibilidade do homem ao animal: a utilização das potencialidades de uma *estrutura linguística* que contém, por exemplo, diversas oposições verbais, temporais e modais, que permitem dizer o “agora” da presença e o “já não” ou “ainda não” da ausência.

E esta é a *revolução epistemológica*: a linguagem não diz a experiência vivida; mas antes uma experiência vivida se organiza e articula no interior de um jogo de linguagem; e se se recorta e enuncia num dizer, isto acontece graças às articulações virtuais da linguagem.

Este é o sentido da co-originalidade da linguagem e da vida (humana, subentenda-se): o mesmo é falar da pluralidade das diversificadas estruturas linguísticas que pertencem à história natural do homem, e que

<sup>66</sup> IDEM, *ibidem*, § 655: «Nicht um die Erklärung eines Sprachspiels durch unsre Erlebnisse handelt sich's, sondern um die Feststellung eines Sprachspiels».

<sup>67</sup> IDEM, *ibidem*, § 649: «So kann also der gewisse Erinnerungen nicht haben, der keine Sprache gelernt hat?».

<sup>68</sup> IDEM, *ibidem*: «Freilich, - er kann keine sprachlichen Erinnerungen, sprachlichen Wünsche oder Befürchtungen, etc. haben».

<sup>69</sup> IDEM, *ibidem*, § 650: «Wir sagen, der Hund fürchtet, sein Herr werde ihn schlagen; aber nicht: er fürchte, sein Herr werde ihn morgen schlagen. Warum nicht?»

respondem pelos “limites” da nossa experiência. Um jogo de linguagem pressupõe a presença sincrónica dessas estruturas e as possibilidades combinatórias que elas permitem. A escolha de uma dessas possibilidades não é, somente, uma jogada no interior de um jogo possível, mas é também um articular de uma ordenação de mundo. Leia-se, a este propósito, o parágrafo 659, regressando à linguagem da *acção* e da sua dimensão *intencional*:

“Porque é que eu quero, além do que fiz, comunicar ainda uma intenção? - Não porque a intenção ainda fosse uma coisa que tivesse então acontecido, mas sim porque quero comunicar uma coisa acerca de *mim*, o que já excede o que então aconteceu.

Quando eu lhe digo o que é que eu queria fazer, abro-lhe a minha vida interior. - Mas não é fundamentada num acto de introspecção, mas sim por meio de uma reacção (podia chamar-se-lhe uma intuição)”<sup>70</sup>.

Regressamos, de novo, ao *momento subjetivo do querer*: o périplo completa-se no âmbito da inversão epistemológica. Pois, que é que de *mim* se comunica, na comunicação da intenção? Não um processo mental, nada que possa ser visado num acto de introspecção. Se a intenção só ganha identidade e sentido no todo de uma história (sempre inacabada) - é a história contada que *mostra* e revela a *minha* pertença a um mundo, onde linguagem, aprendizagem, educação, cultura, etc., se imbricam no todo da *minha* reacção.

A particularidade deste possessivo (minha) que determina a reacção, individualizando-a, marca a margem de liberdade, no interior do jogo, indiciada pelo “hiato” entre a “regra” e a sua aplicação<sup>71</sup> - daí que as gramáticas de *intenção* e *compreensão* sejam aparentadas:

«A gramática da expressão <eu quis então dizer ...> é aparentada com a da expressão <eu teria podido continuar>. Num caso recorda-se a intenção, num outro a compreensão»<sup>72</sup>.

<sup>70</sup> IDEM, *ibidem*, § 659: «Warum will ich ihm außer dem, was ich tat, auch noch eine Intention mitteilen? - Nicht, weil die Intention auch noch etwas war, was damals vor sich ging. Sondern, weil ich ihm etwas über *mich* mitteilen will, was über das hinausgeht, was damals geschah.

Ich erschließe ihm mein Inneres, wenn ich sage, was ich tun wollte. - Nicht aber auf Grund einer Selbstbeobachtung, sondern durch eine Reaktion (man könnte es auch eine Intuition nennen)».

<sup>71</sup> IDEM, *ibidem*, § 292 e *passim*.

<sup>72</sup> IDEM, *ibidem*, § 660: «Die Grammatik des Ausdrucks <Ich wollte damals sagen...> ist verwandt der des Ausdrucks <Ich hätte damals fortsetzen, können>.

Im einen Fall die Erinnerung an eine Absicht, im andern, an ein Verstehen».

A verdade é que o jogo que Wittgenstein joga nas *Philosophische Untersuchungen* se joga na desconstrução de tudo o que é aparentemente interessante em filosofia <sup>73</sup> como ele próprio diz com ironia.

Mas esse jogo, joga-o em dois tabuleiros: desfazendo as peças que, uma a uma, vai retirando do primeiro - o *Tractatus Logico-Philosophicus*, que vale por si e exemplarmente por toda a edificação metafísica, marcados como estão por um mesmo pecado original: “a tendência a (...) sublimar a lógica da nossa linguagem” <sup>74</sup>. Dos erros e dos desvios a que essa tendência conduziu - o enredo do pensamento da relação linguagem e lógica - a meada vai-se desemaranhando ao longo da escrita “polifónica” das *Untersuchungen*, como adverte no final do parágrafo 81:

«Mas tudo isto só pode começar a aparecer à sua verdadeira luz quando se tiver obtido uma maior clareza acerca dos conceitos de *compreender*, de *intencionar*, de *pensar* <sup>75</sup>. Então tornar-se-á claro o que nos pode induzir na tentação de pensar (e que a mim me induziu) que quem pronuncia uma proposição e a *intenciona* ou *compreende*, põe a funcionar um cálculo com regras determinadas” <sup>76</sup>.

É, nos múltiplos atalhos em que estas questões se cruzam e reciprocamente se esclarecem, que a *acção* e a sua dimensão *intencional* entram em cena nos parágrafos 611 a 660. E só nessa medida. Alheias a este progredir são as análises que pretendem *sistematizar* a linguagem da acção e a sua semântica. Compreende-se que a tentação dos discípulos de Wittgenstein fosse grande, dado o empolamento praxístico da linguagem, mas a paciência do filósofo era uma outra e as regras do seu jogo não permitem essas outras jogadas...

<sup>73</sup> Cf. IDEM, *ibidem*, § 118.

<sup>74</sup> IDEM, *ibidem*, § 38: «Diese seltsame Auffassung rührt von einer Tendenz her, die Logik unserer Sprache zu sublimieren».

<sup>75</sup> O sublinhado é nosso.

<sup>76</sup> IDEM, *ibidem*, § 81: «All das kann aber erst dann im rechten Licht erscheinen, wenn man über die Begriffe des Verstehens, Meinens und Denkens größere Klarheit gewonnen hat. Denn dann wird es auch klar werden, was uns dazu verleiten kann (und mich verleitet hat) zu denken, daß, wer einen Satz ausspricht und ihn *meint*, oder *versteht*, damit einen Kalkül betreibt nach bestimmten Regeln».